



Tema 03: Dimensão da Mística (Processo Teológico-espiritual. “Qual é o sentido da minha vida?”).

Titulo 02: Espiritualidade do Assessor

Por Alexandre Raimundo*, Érika Augusto** e Osvaldo Meca***

* Padre jesuíta, diretor do Anchietanum – Centro de Juventude e Vocações.

** Jornalista e coordenadora do núcleo Espiritualidade do Anchietanum.

*** Historiador e coordenador do núcleo Rede do Anchietanum.

Espiritualidade de assessor

*“Jesus não nos trata como escravos e sim como pessoas livres, amigos, irmãos; e não só nos envia, mas nos **acompanha**, está sempre ao nosso lado nesta missão de amor” (Papa Francisco)*

Em outras oportunidades, vocês devem ter refletido sobre a pedagogia do acompanhamento, identidade do assessor¹, papel que é chamado a cumprir, características práticas, como deveria realizar o acompanhamento etc. Mas o que seria pensar na espiritualidade do assessor e do assessor de jovens?

¹ Para Luis Manuel Guzmán, assessoria e acompanhamento são diferentes, ainda que complementares: assessoria está ligada aos aspectos exteriores na caminhada com os jovens, muitas vezes na vida do grupo, enquanto o acompanhamento está ligado aos aspectos de interiorização e espiritualidade, portanto, necessita de um diálogo pessoal. Aqui não vamos tratar os dois termos como sinônimos, uma vez que a espiritualidade deve ser cultivada por pessoas nesses diferentes papéis. Por isso, utilizaremos ambos os termos: assessor e acompanhante (DICK; TEIXEIRA; LEVY, 2008, pág. 18).



Entendemos que a espiritualidade é uma dimensão comum a todo ser humano e tem a ver com o cultivo do espírito, de uma relação com o transcendente, mas também consigo mesmo. Ela tem a ver, ou exprime, um modo de ser e estar no mundo, uma atitude diante da vida, das pessoas, das circunstâncias, de Deus. Por isso, faz sentido falar em espiritualidade do assessor para referir-se a algumas dimensões que devem ser cultivadas, a fim de que possam alimentar a sua vida e sua missão no acompanhamento de jovens.

O processo de educação na fé vivido pelos jovens implica partilha, confronto de ideias, testemunho e experiência, de modo que a experiência comunitária e o papel do assessor são essenciais. Aproximar-se, ouvir, acolher, cuidar, caminhar ao lado, confrontar, celebrar: todas essas dimensões são necessárias para o acompanhamento de jovens e estão ligadas à espiritualidade do acompanhante.

Santo Inácio de Loyola, o fundador da Companhia de Jesus – ordem dos padres e irmãos jesuítas – criou os Exercícios Espirituais, alertando-nos de que, “assim como exercitamos o corpo, é preciso também exercitar a alma”. Nos Exercícios Espirituais, uma dimensão fundamental do acompanhamento, que nos ajuda a pensar a espiritualidade do assessor, é o testemunho: o acompanhante é testemunha do diálogo entre o Criador e a criatura. Note-se que não estamos falando em mediação, mas em testemunho. Ele vê o que o Criador realiza na vida de sua criatura e, vendo, ajuda o próprio jovem a identificar esses frutos e a tirar melhor proveito deles. A dimensão do testemunho é, portanto, essencial.

Além disso, o acompanhamento é um compromisso da comunidade eclesial. Nesse sentido, a espiritualidade do assessor comporta essa dimensão eclesial fundamental e, como tal, dimensão apostólica. Ele é chamado a contribuir para que outros descubram e vivam sua vocação pessoal, vivam sua missão na Igreja e na sociedade. A sua atitude fundamental é a crença na vida humana como vida de possibilidades infinitas. Acreditar na vida juvenil e nas suas formas de organizar-se e de viver a experiência eclesial é também uma parte fundamental desse ministério.



A Igreja tem documentado a relevância do trabalho do acompanhamento aos jovens e às suas organizações, e, com isso, tem de reconhecer a importância da figura do acompanhante. O documento 85 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), por exemplo, enfatiza que “não há processo de educação na fé sem acompanhamento, e não há acompanhamento, sem acompanhante” (CNBB, 2007, pág. 103).

A ação apostólica do assessor é aquela que se orienta mais pela escuta do que pela pregação. Sua experiência de fé também acontece na medida em que ele escuta o Senhor que se revela na vida do jovem. Esse encontro espiritual entre acompanhante e acompanhado não é marcado necessariamente por falar de Deus, com uma dimensão apenas catequética, mas pela escuta do que Deus revela na história pessoal de acompanhado e acompanhante.

Ao mesmo tempo, o acompanhante tem uma mística profundamente enraizada no Evangelho. Contemplar a vida de Cristo é o modo de se tornar íntimo d’Ele e conformar um modo de vida pessoal, efetivamente cristão. O acompanhante atualiza o Evangelho na vida dos jovens e do grupo, na medida em que pode oferecer a eles a contemplação da vida de Jesus. Oferecer aos jovens a contemplação da vida de Jesus é apresentar o Evangelho não de forma normativa ou moralista, mas como vida, como relação e como horizonte.

O modelo para o acompanhante de jovens só pode ser Jesus. Acompanhando a vida d’Ele, narrada nos Evangelhos, notamos sua experiência de ser acompanhado pelo Pai, que O envia. Por outro lado, Ele acompanha os discípulos em sua caminhada de conversão ao projeto do Pai. Por isso, para ser acompanhante, é preciso passar por alguns “lugares”, onde Jesus fez a experiência de acompanhar e de ser acompanhado. Os lugares bíblicos são, para nós, fonte de conhecimento íntimo de Jesus. É preciso contemplar, sentir e aprender com Ele tudo o que Ele nos ensina em cada um desses lugares.

O acompanhante assume como espiritualidade a mística de Emaús na medida em que também contribui para que o jovem perceba e tire proveito do que experimentou no



“caminho”. É ele quem formula as perguntas fundamentais no acompanhamento para que os jovens olhem o caminho percorrido com olhar novo e enxerguem aí a presença do Ressuscitado, dando-se conta da ação do Espírito em si.

Como notamos na vivência de Jesus em Betânia, o acompanhamento implica a capacidade de estabelecer relações. Já em Samaria, aprendemos que o acompanhamento exige um respeito absoluto pela liberdade do outro, por sua história de vida, por suas crenças. Em Belém e Nazaré, aprendemos o mistério da pobreza escolhida como lugar do nascimento, do cotidiano, do aprendizado da vida, na família, na cultura, no trabalho, na religião. Aprendemos também o tempo da espera, dimensão tão bonita da espiritualidade do assessor. Espera do tempo da missão, espera da descoberta, espera da saída.

A passagem por Jerusalém, como lugar do poder, do confronto e das consequências, isto é, da cruz, alimenta no acompanhante a dimensão profética de sua espiritualidade. O profeta que, mergulhado na realidade, mas com o coração no projeto do Reino, tem elementos para fazer as denúncias e os anúncios, que orientam a vida presente e a ação de construir o futuro.

Passando por tantos lugares, só podemos concluir que a espiritualidade do assessor deve, ainda, cultivar a dimensão de mobilidade apostólica, isto é, uma constante abertura ao Espírito, que permite desenvolver o potencial de graça em sua vida pessoal, na vida do jovem e na vida da Igreja. CN

Referências bibliográficas

CNBB. *Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais*. Paulinas, São Paulo, 2007.

DICK, Hilário, sj; TEIXEIRA, Carmem Lucia; LEVY, Salvador Segura (Org.). *Acompanhamento: mística do acólito da juventude*. CCJ, São Paulo, 2008.